

## A PRESENÇA DA AUSÊNCIA: *uma brevíssima análise da cumbuca do Cairo*

KEIDY NARELLY COSTA MATIAS

Graduanda em Filosofia - UFRN.

Integrante da Cátedra UNESCO-Archai, da UnB.

keidymatias@ufrn.edu.br

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Marcia Severina Vasques (UFRN).

Neste trabalho, realizamos uma análise de uma carta egípcia dedicada aos mortos, escrita em uma cumbuca<sup>1</sup> de cerâmica contendo comidas e bebidas que, na medida em que atraía o morto aos alimentos, também o fazia ler uma carta contendo petições e reclamações de suas supostas negligências, haja vista ser o ancestral morto um dos responsáveis pela proteção dos seus descendentes no mundo dos vivos. No Egito, as cartas escritas em pequenas cumbucas testemunhavam as preocupações dos vivos na continuação da vida dos seus ancestrais, mas em troca exigiam que os mortos lhes protegessem e os ajudassem a resolver problemas cotidianos (disputas por heranças, por propriedades, questões de doença etc.) causados por mortos maléficos.

A egiptóloga francesa Sylvie Donnat (2009, p. 62), ao tratar das cartas aos mortos, pontua que

**E**ste gênero [literário] é, com efeito, atestado desde o fim do Antigo Império até o século VII a.C.; mais de 1500 anos, porém, a maior parte do corpus (10 documentos de 14) abarca um período muito mais curto, entre o final do Antigo Império e o início do Médio Império" (DONNAT, 2009, p. 62).

A egiptóloga alemã Louise Gestermann (2006, p. 289) acredita que "nesse período foi adotada uma popularidade especial dessa prática [de envio de cartas aos mortos]". Ursula Verhoeven (2003, p. 31) sugere que "embora a quantidade de cartas seja pequena, sua dispersão temporal aponta a existência de uma ampla tradição". Esta ideia é consubstanciada por Gestermann (2009, p. 289), ao defender que "sua dispersão no tempo indica que se tratou de um grande costume, talvez até generalizado".

---

1 Denominação cunhada pela autora.

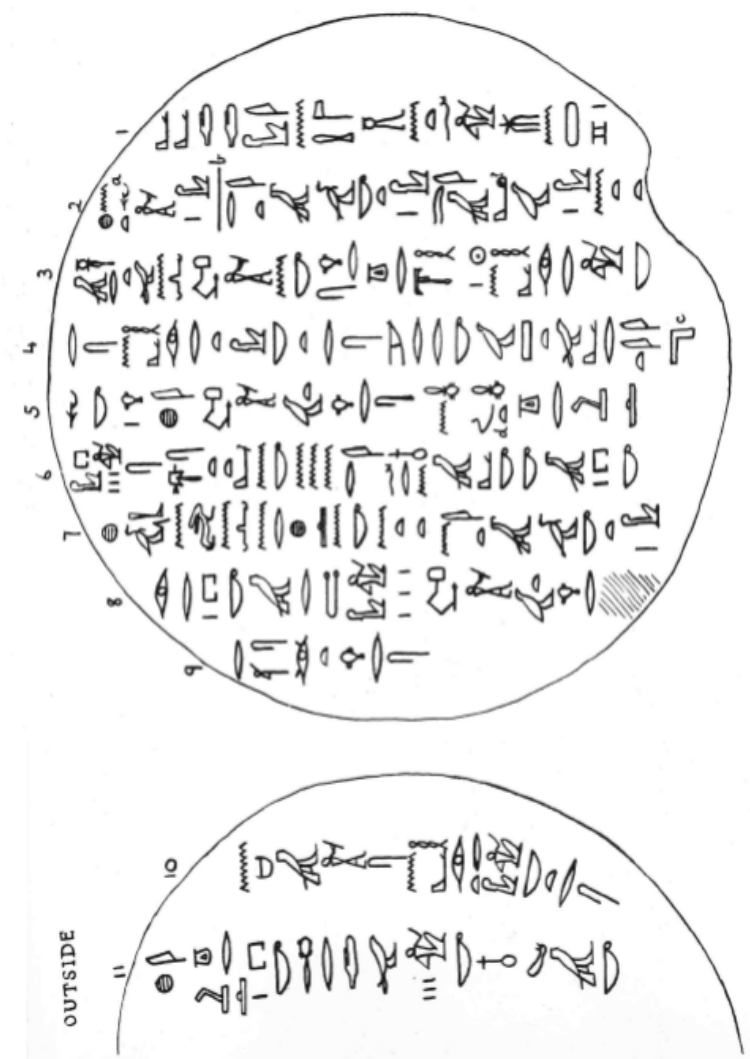
Em acréscimo, podemos interpretar que a considerável quantidade de cartas durante o Primeiro Período Intermediário (2150 - 1994 a.C.) atesta a importância destas em escala nacional, especialmente, quando percebemos a diversidade de locais onde foram encontradas, de modo que seu conseqüente decréscimo pode sugerir o abandono desse costume. Interessa também destacar que o desenvolvimento das cartas enquanto gênero ocorreu a partir do final do Antigo Império (2575 - 2135 a.C.), quando o acesso ao além ganhou novos caminhos, superando a antiga restrição que o condicionava ao desempenho satisfatório do faraó junto aos deuses.

As situações mais cotidianas — quando negativas — eram vistas como impostas por forças do além — geralmente um parente morto era indiretamente responsabilizado por quaisquer situações de desordem na vida cotidiana do requerente, em escala particular ou familiar, na medida em que não estava a exercer sua função protetora, porquanto ser um espírito ancestral. Desse contexto é que resultam correspondências escritas em tom de incompreensão e, às vezes, de ameaça, pois se os vivos ofereciam libações aos mortos é porque precisavam de uma contrapartida: o garante de uma vida tranquila no mundo dos vivos, onde os problemas cotidianos pudessem ser resolvidos sem a necessidade de influências externas do mundo dos mortos. Por outro lado, podemos assegurar que, quando a possibilidade de resolução dos problemas somente podia ser advinda do mundo dos mortos era porque, igualmente, acreditava-se que os problemas haviam sido criados por um morto malféfico.

Com o objetivo de demonstrar o conteúdo dessas cartas, escolhemos como exemplo a Cumbuca do Cairo, datada do Primeiro Período Intermediário, da XI ou XII Dinastia. O conteúdo desta carta é o resultado de uma das percepções que tinham os egípcios, ao considerarem ser os “encantamentos mágicos ou orações aos deuses [como] métodos usuais de afastar doenças [causadas por maus espíritos]. [...] As cartas aos parentes mortos poderiam ser empregadas para este mesmo fim” (GARDINER; SETHE, 1928, p. 8). Conforme as versões de Gardiner e Sethe (1928) e de Jan Assmann (2005), elaboramos a seguinte tradução para essa fonte, considerando a grafia dos nomes próprios conforme a publicação de 1928:

**P**resentada por Dedi ao sacerdote Antef, nascido de Iwnakht. Quanto a esta serva Imiu, que está doente, nem de dia e nem de noite tu (= o akh) lutas por ela contra todo homem que está fazendo mal a ela e toda mulher que está fazendo mal a ela. Porque tu desejas a desolação da sua casa (= dela)? Luta por ela hoje como (se fosse algo) novo (?), para que a sua casa (= dela) possa ser estabelecida, e para que libações possam ser feitas a ti. Se não houver qualquer (ajuda) tua, então a tua casa estará destruída. Será (?) que não reconhecês que é esta serva que faz a tua casa entre (?) os homens? Luta por [ela]! Cuida dela! Protege-a de todos os homens e mulheres que lhe estão fazendo mal! Assim, a tua casa e os teus filhos serão estabelecidos. Que escutes bem!

Desenho detalhado das inscrições da Cumbuca do Cairo (interior e exterior):



**Figura 1.** Representação das inscrições da Cumbuca do Cairo. GARDINER, Alan Henderson; SETHE, Kurt. *Egyptian Letters to the Dead*. London: The Egypt Exploration Society, 1928. p. 55.

Com base no teor da carta, elaboramos a seguinte classificação:

**Remetente/requerente:** Dedi; **Destinatário/requerido:** Antef; **Personagens:** Dedi, Antef, Imiu e Iwnakht, mãe de Antef. **Assunto:** Imiu, a serva da casa, está doente. **Supostos culpados:** o Akh de um homem ou de uma mulher morta (culpa direta). Akh de Antef, que negligencia ajuda (culpa indireta). **Recompensa:** preservação da antiga casa do morto, no mundo dos vivos.

A Cumbuca do Cairo, nomeadamente, por meio da tradução realizada por Jan Assmann, permite-nos sugerir que os mortos destinatários das cartas eram espíritos akh. Interessa destacar que a clássica obra de Gardiner e Sethe (1928) — a primeira

a traduzir as cartas — e uma tradução de Janet Richards que, assim como àquela de Assmann, é datada de 2005, não utilizam a palavra *akh* para se referir ao espírito do morto receptor da carta. A versão de Assmann demarca Antef, o sacerdote a quem é destinada a composição, como um *akh*. A importância da função desempenhada por Antef — um sacerdote — é delineada já na primeira linha da composição, mas Dedi, a remetente, escreve-o também na condição de sua esposa:

*Presenteada por Dedi ao sacerdote Antef, nascido de Iwnakht.*

Esta viúva estava a se sentir bastante preocupada com o andamento de seu lar após a morte do marido e a doença que afligia à serva da família, chamada Imiu, o cerne da manutenção da casa.

**A**s viúvas escreviam aos seus maridos mortos, nomeadamente, visando o bem estar dos outros; seja o mau tratamento reservado a sua filha [ou ao seu filho] ou o destino reservado às suas crianças e a elas próprias, [como no caso] de uma mulher que escreve ao seu marido em decorrência da doença que afligia a serva de sua antiga casa (VERHOEVEN, 2003, p. 36).

Do fato de Imiu ocupar a centralidade nesta carta, sendo o alvo dos apelos pedidos por Dedi, depreendemos duas possibilidades:

a) a serva ocupava uma posição de certo prestígio, talvez motivada pela relação de apego à família na medida em que estava em seu convívio desde quando Antef estava vivo:

*Porque tu desejas a desolação da sua casa (= dela)? Luta por ela hoje como (se fosse algo) novo (?), para que a sua casa (= dela) possa ser estabelecida.*

b) trata-se de uma família que, embora com algumas posses — a julgar pelo fato de contar com a ajuda de uma serva nos trabalhos domésticos — não tinha como repor a mão-de-obra exercida por Imiu. Essas duas hipóteses podem ser percebidas a partir do discurso de Dedi, que mostra uma completa dependência em relação aos serviços de Imiu para o bom andamento de sua casa:

*Será (?) que não reconheces que é esta serva que faz a tua casa entre (?) os homens?*

O destinatário da carta não é o culpado direto pelas mazelas incididas no mundo dos vivos, mas se torna culpado na medida em que, aparentemente, negligencia ajuda e, por conseguinte, quebra o laço de troca estabelecido entre vivos e mortos: aos vivos cabia prestar oferendas e orações; aos mortos cabia o desempenhar de uma função protetora — nesse sentido, os ancestrais eram cultuados em escala doméstica.

*Quanto a esta serva Imiu, que está doente, nem de dia e nem de noite tu (= o akh) lutas por ela contra todo homem que está fazendo mal a ela e toda mulher que está fazendo mal a ela.*

“A carta parece ao mesmo tempo testemunhar a indignação de Dedi sobre a indiferença de Antef a sua serva, [assim como] a incompreensão da autora quanto à atitude do sacerdote que, assim, põe em perigo a sua casa” (LORAND, 2010, p. 89).

Perguntas retóricas e sentenças gerais intimam o destinatário a agir em favor de Imiu, sob pena de seus parentes vivos sofrerem às consequências dos tormentos [da serva]. Dedi relembra os deveres de um chefe de família, mesmo morto, para com aqueles que compõem a sua casa. Lutar contra aquele que aflige Imiu é o único meio disponível para Antef assegurar a serenidade de sua família e, conseqüentemente, permitir-lhes manter [a realização] de seu culto funerário (LORAND, 2010, p. 89).

Nesse sentido é que Dedi ameaça romper sua obrigação, evidenciando que a serva também poderia lhe prestar ou não culto; tudo estava a depender do desempenho de Antef:

*(Luta por ela) para que libações possam ser feitas a ti.*

A negligência de Antef poderia resultar na dissolução de sua casa, ou seja, de sua família; a proteção desempenhada como marido, pai e patrão, consolidada quando Antef estava vivo, precisava ser restabelecida — algo que dependia apenas dele, na medida em que “o papel de um espírito ancestral era de um advogado e de um correquente no real outro mundo” (ASSMANN, 2005, p. 161); é neste sentido que a viúva repreende Antef:

*Se não houver qualquer (ajuda) tua, então a tua casa estará destruída.*

De acordo com Rita Lucarelli,

Os inimigos a serem afastados podiam ser tanto humanos quanto sobrenaturais; sobre estes últimos, outros demônios portadores de doenças e desastres eram também os próprios mortos. Por esta razão era frequente, da parte do remetente, a declaração de ter tratado o homem adequadamente na Terra e de ter cuidado de sua sepultura e do culto após sua morte (LUCARELLI, 2008, p. 151-152).

Dedi ressalta que Imiu esteve sempre a cuidar da casa da família e, por isso, não entende a injustiça que Antef comete ao não lutar para que a serva continue no convívio da casa, cuidado da esposa e dos filhos do sacerdote:

*Luta por [ela]! Cuida dela! Protege-a de todos os homens e mulheres que lhe estão fazendo mal! Assim, a tua casa e os teus filhos serão estabelecidos. Que escutes bem!*

Não se sabe exatamente de quem é a culpa pelo mal causado, mas se trata de uma ou mais pessoas que habitam a mesma cidade que Antef, i.e., o mundo dos mortos, por isto é que o sacerdote pode intervir. Conforme ressalta Assmann (2005, p. 161), “a doença de que a serva sofre não é atribuída à influência do espírito ancestral [para quem se destinou] esta carta. Ele é meramente reprovado por não a ajudar”. Neste sentido é que se depreende que poderia existir alguma possibilidade de contato entre os mortos benéficos e os espíritos maléficos, na medida em que cabia a Antef atuar no combate aos causadores do mal que atingiam os seus descendentes.

A indignação de Dedi em relação a Antef também evidencia que não era necessário apenas lutar, mas vencer quaisquer batalhas, com vistas ao garante da estabi-

lidade familiar do morto — posto que não havia fiança de que o morto se esquivava de sua luta ou função. O que podemos concluir é que o insucesso do morto em sua jornada contra os maus espíritos resultava, no mundo dos vivos, no semelhante fracasso de sua casa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Jan. *Death and Salvation in Ancient Egypt*. Translated from the German by David Lorton. Ithaca/London: Cornell University Press, 2005.

DONNAT, Sylvie. Le rite comme seul référent dans les lettres aux morts. Nouvelle interprétation du début du Cairo Text on Linen. *BIFAO* 109, 2009. p. 61-93.

GARDINER, Alan Henderson; SETHE, Kurt. *Egyptian Letters to the Dead*. London: The Egypt Exploration Society, 1928.

GESTERMANN, Louise. IV. Ägyptische Briefe: Briefe in das Jenseits. In: JANKOWSKI, Bernd; WILHELM, Gernot (Hg.). Briefe (Texte aus der Umwelt des Alten Testaments. Neue Folge 3), *Gütersloh*, 2006. p. 289-306.

LORAND, David. « Quand les vivants en appellent aux morts. Les « Lettres aux Morts » en Égypte ancienne », dans C. Cannuyer, A. Tourovets (éd.), *Varia aegyptiaca et orientalia*. Luc Limme in honorem (Acta Orientalia Belgica XXIII), Bruxelles, 2010, p. 77-93.

LUCARELLI, Rita. *Le Lettere ai morti e le manifestazioni dei defunti sulla Terra nell'antico Egitto*. Torino: Studi Tanatologici (Fondazione Ariodante Fabretti), 4, 2008. p. 149-162.

RICHARDS, Janet. *Society and Death in Ancient Egypt: mortuary landscapes of the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VERHOEVEN, Ursula. Post ins Jenseits: Formular und Funktion altägyptischer Briefe an Tote. In: WAGNER, Andreas (Hrsg.). *Bote und Brief*. Sprachliche Systeme der Informationsübermittlung im Spannungsfeld von Mündlichkeit und Schriftlichkeit, Nordostafrikanisch/Westasiatische Studien 4, Frankfurt/M, 2003. p. 31-51.